

## ENTREVISTA COM O PROF. GEORGES SNYDERS

Luiz Fernando KLEIN\*

Dia 28 de janeiro de 1994 o Prof. Georges Snyders concedeu-me esta entrevista, em sua residência, em Paris. O objetivo principal da conversa era conhecer seu parecer sobre o projeto de educação personalizada, elaborado por Pierre Faure, tema de minha pesquisa para o programa de doutorado em pedagogia, na área de Didática, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Georges Snyders (1916), professor emérito da Université de la Sorbonne (Paris), publicou em português **A escola pode ensinar as alegrias da música?** (Ed.Cortez); **Escola, classe e luta de classes** (Lisboa, Ed.Moraes); **Pedagogia progressista** (Coimbra, Livraria Almedina); **Alunos felizes** (Ed. Paz e Terra); **A alegria na escola** (Ed. Manoli) e **Não é fácil amar os nossos filhos** (Lisboa, Dom Quixote), **Escola, classe e luta de classes** (Lisboa, Ed.Moraes), **Para onde vão as pedagogias não-diretivas?** (Lisboa, Ed.Moraes).

A reflexão de Snyders tem se concentrado nas pedagogias não-diretivas, buscando sua articulação com o marxismo. Inspirado em Gramsci, o autor denuncia o espontaneísmo como ilusão educativa, como abandono da criança às diversas e contraditórias influências da sociedade. Seus últimos escritos insistem no tema da alegria.

---

\* Doutorando em Didática - FEUSP

O jesuíta francês Pierre Faure (1904-1988) deixou um projeto de educação personalizada no qual defende o protagonismo do aluno no processo de ensino-aprendizagem, sob a orientação do professor que organiza os conteúdos e metodologias de um estudo ativo e participativo, de acordo com o seu ritmo de construção e assimilação das experiências e dos conteúdos significativos. Deixou várias obras escritas (1) e, em português, **Ensino personalizado e comunitário** (Ed. Loyola, 1993).

A entrevista, semi-estruturada, trata inicialmente do projeto faureano e do processo personalizador da educação e, a seguir, de temas trabalhados por Snyders: a alegria, o engajamento social, o papel da escola, a construção do saber e a relação professor-aluno.

## ENTREVISTA

**O que o sr. pode dizer sobre o projeto de educação personalizada e comunitária de Pierre Faure (PF)? Ele é conhecido na França?**

☞ Conheço pouco do meio de onde vem Pierre Faure; tampouco conheço bem o meio católico atual. Sou judeu, comunista e ateu. Eu lia a revista de Pierre Faure, que me parecia interessante. Conheci Hameline (2), que era um dos meus colegas católicos. Não tenho a impressão de que PF seja conhecido atualmente. Mas quem o informaria melhor não reside em Paris e seria justamente Hameline porque ele continua católico, crente... Avanzini (3) e Meirieu (4), em Lyon, também poderiam falar-lhe melhor sobre PF. Na verdade, interiormente, PF me evoca um pouco Mounier (5) este sim, bastante mais conhecido na França que aquele. Pode ser que eu avance um pouco dizendo que PF seja mais conhecido no meio educacional privado, muito mais conhecido que entre nós.

**Como o sr. vê essa pretensão de uma educação personalizada atualmente, neste mundo pós-moderno?**

☞ A pretensão de PF apoiava-se em um fundo religioso. Pode-se também tentar pensar uma educação personalizada sobre um fundo não religioso. Poderia dizer que, em essência, nosso ideal pretende unir a personalidade e a comunidade. Mas o que poderia falar de Faure é apenas a relação que percebo com Mounier nos seus escritos.

**A cultura pós-moderna abafa a pretensão personalizante na educação?**

☞ Creio que não! Tomando os jovens, como exemplo, vê-se que eles insistem em ser conhecidos em sua personalidade, querem que os professores os conheçam como são.

Os alunos reclamam ser respeitados em sua individualidade, em sua história pessoal. Na França, por exemplo, há todo esse problema dos muçulmanos, ou dos negros, que querem integrar-se mas, ao mesmo tempo, querem ser considerados em sua singularidade. Não tenho a impressão que a sociedade atual desconheça a personalização mais do que na minha juventude. Pelo contrário, o meio escolar é marcado, desde 1968, pelo desejo dos alunos em serem considerados em sua particularidade. Eles reclamam mais exercício de criatividade - essa era também uma idéia de PF -, onde os alunos possam mostrar o que são, em sua individualidade, seja no desenho, na música ou na escrita. A música desempenha um papel enorme entre os jovens. Muita gente forma grupo de rock, de jazz e quer que este grupo tenha certa individualidade, diferente de outros.

**A pretensão de uma educação personalizada tem seu lugar atualmente ?**

- ☞ Ela tem seu lugar mas, para ser bem sucedida, precisa de classes pouco numerosas e de professores muito disponíveis. Para a educação ser personalizada, o professor não pode ter mais de 25 alunos, porque precisa conhecê-los pessoalmente, reunir-se freqüentemente com eles, de modo individual e em grupo. Os alunos desejam muito ser conhecidos pessoalmente, para serem reconhecidos em sua personalidade. Eles não querem ficar no anonimato. O que eles temem nos grandes liceus e grandes estabelecimentos é ser uma massa anônima.

**Há correntes pedagógicas insistindo na personalização hoje?**

- ☞ Infelizmente, não há muitos movimentos renovadores na França, mas as correntes mais importantes são de tendência muito à esquerda, e não católicas. Um dos exemplos que me ocorre é o grupo francês de educação nova. Seria interessante contatá-los. Mounier, no pós-guerra, quis unir o cristianismo e o marxismo. Queria ultrapassar certas oposições entre ambos. Seu sonho foi criar uma comunidade na sociedade, que ultrapassa as diferenças de classes e de riquezas, mas mantendo a riqueza individual. Vi isto sempre como uma idéia boa mas um tanto vaga, com poucas chances de ser bem sucedida. Gente como ele e Pierre Faure desaparece sem ter criado um movimento, por terem sido muito personalistas.

**Os desempregados que se vêem pelas ruas atualmente em Paris são sobretudo estrangeiros?**

- ☞ Não! Há desempregados franceses e também estrangeiros, em grande número. Mounier e Faure escreveram pouco após a liberação da França, num momento de grande esperança. Espera-se fazer uma sociedade comunitária, quer dizer, sociedade menos desigual, onde os valores da caridade ocupariam mais lugar. Caridade, no sentido de amor. No entanto, hoje faz-se caridade, como se vê pelo metrô, no seu mau sentido, de modo pejorativo, mais como assistencialismo. Creio que Mounier e Pierre Faure teriam muitas dificuldades hoje porque a

nossa sociedade é mais dura. Pode-se desesperar facilmente porque não se vê como resolver o problema dos desempregados. E esse é um problema grave também para a escola porque os alunos perguntam-se para quê estudar se não posso ter um emprego interessante? Para que a escola funcione bem é preciso não só que os jovens se orientem para um emprego mas que eles tenham a impressão de que este emprego seja um pouco mais interessante do que aquilo que eles aprendem em classe. Também é necessário saber se o que aprendem na escola lhes servirá no seu emprego, etc. Atualmente a escola está em grande dificuldade e os alunos se perguntam a todo tempo se vale a pena empenhar-se nos estudos, se vão encontrar emprego ou terão que assumir a primeira coisa que surgir. Essa consideração do futuro é muito dura, é desafiante mesmo.

### **Como vê atualmente a alegria na escola e os alunos felizes...?**

☞ É um sonho!... Sei bem que isso não é a realidade. Quando eu preparei esse livro sobre a alegria na escola eu era muito jovem. Na aula disse aos alunos de 14 e 15 anos: "sou professor na Sorbonne e trabalho sobre a alegria na escola"... Isso os fez rir porque não estavam bem persuadidos de que a escola é o lugar da alegria. Eu sei que vou quase contra a corrente mas, apesar de tudo, há uma primeira fonte de alegria para os alunos que são os colegas. Não é desprezível que a comunidade escolar exista muito forte e tenha um grande papel na sua vida. Em seguida o que lhes dá alegria são as relações com tal professor. E há professores que eles amam e há professores que sabem fazer-se amar. A alegria provém de seus colegas, das relações pessoais com seu professor e eu gostaria que a alegria proviesse da cultura, da "poesia"... A alegria pode provir também da compreensão sobre como funciona um motor. A alegria pode provir também da compreensão de como há gente que passa fome e como há os que prosperam e outros não. Para mim a cultura não são só as nuvens mas inclui também a literatura, e até a ciência, a economia e a política. Não há cultura se não se interrogar por que num país há gente que passa fome e por que há guerras civis. Quanto à religião, eu não a coloco na minha cultura porque mantenho a idéia de que a religião deve se desenvolver fora da escola. Essa é a laicidade que defendo. É a idéia de Jules Ferry (6), e conservará um tempo para a religião, para o catecismo, para a educação religiosa mas fora da escola, fora do período escolar.

### **A escola pode pretender formar para o engajamento, o serviço?**

☞ Justamente. Hameline, um dos meus colegas católicos que respeito muito, escreveu-me uma longa carta para dizer que minha alegria na escola não é possível sem um transfundo religioso. Mas creio que é possível engajar-se no serviço do próximo sem religião, sobre bases puramente humanas.

### **A escola pode pretender formar os alunos para essa dimensão?**

- ☛ Creio que a escola não é só um lugar de instrução, um lugar para aprender a ortografia ou a geografia, mas um lugar de formação do conjunto da personalidade mas sobre bases não religiosas, que não as exclui. A escola, através da literatura, através da reflexão moral, forma o conjunto da personalidade e não se contenta apenas em aprender a ortografia.

### **Qual seu pensamento atual sobre a pedagogia progressista?**

- ☛ O progressismo marxista está em crise e eu vivo esta crise muito vigorosamente, é natural, como todos os comunistas, como todos os marxistas. Há erros e crises. Mantenho que o essencial do marxismo permanece verdadeiro. Para mim um dos aportes essenciais do marxismo é a idéia de progresso da sociedade. Quer dizer, através de coisas horripáveis, guerra, atrocidades, há um progresso. Passou-se de uma sociedade de escravidão para uma sociedade feudal, passou-se desta para uma sociedade capitalista, que foi um progresso no início. Uma das idéias pedagógicas essenciais no marxismo é a de que o mundo é horrível mas ao mesmo tempo está em progresso. Não se nega o papel que a religião desempenhou em certos momentos. A passagem da escravidão para o feudalismo tem muitas causas e o Cristianismo é uma destas mas não é a única. Um dos progressos essenciais de nossa época, por exemplo, disse respeito às mulheres. Sobre o séc. XIX eu li, sob a pena de grandes autores, como Augusto Comte ou Schopenhauer, coisas espantosas a respeito da mulher, da sua incapacidade de refletir, de entender... Há um certo número de coisas que se tornaram impensáveis hoje. Creio que apesar de tudo houve certo progresso em relação à valorização da mulher. Aqui também o Cristianismo às vezes ajudou e às vezes freiou. Pessoas como Mounier pensaram muito o valor da mulher. Também o negro, no séc. XIX, era apresentado com um sub-homem, um animal imbecil. A descolonização, em essência, foi uma desilusão, mas ninguém mais sustenta que os negros sejam imbecis. O marxismo mantém a idéia de progresso, que é capital para os alunos, para dar-lhes confiança. Este progresso se fez por uma luta e uma luta de classes. Creio que aí também a noção de luta de classes não é a mesma do tempo de Marx. Naturalmente as coisas mudaram. Mas, a grande luta do mundo atual é a luta de países, pois a maioria das pessoas têm fome frente - eu não diria contra - os países onde, apesar de tudo, a maioria das pessoas come à saciedade. O que é marxista é pensar que o progresso se faz pelos mais oprimidos. Creio que o que vai acontecer é que a partir de países onde as pessoas são infelizes haverá um progresso, um início de solidariedade. O que é certo é que o marxismo ainda está terrivelmente em crise.

### **E o papel da escola?**

- ☛ As crianças das classes mais desfavorecidas criam enormes dificuldades nas escolas. Os burgueses não querem colocar seus filhos em escolas junto com os desfavorecidos porque estes não progredem, baixam o nível, exercem má influência sobre seus filhos. A idéia

marxista é que estas crianças de classe desfavorecida são muito difíceis de ser educadas mas também têm qualidades que uma escola progressista poderia valorizar, porque eles têm uma experiência de vida, de solidariedade entre eles, de dureza da vida, de união entre si. Eles têm experiências de alegria que os pequenos burgueses têm menos. É preciso que os docentes sejam sensíveis a isso.

Nos Estados Unidos há escolas públicas que são de nível inferior às escolas particulares. Na França ainda não há isso. Eu diria que há três tipos de escola particular: há as escolas privadas de muito alto nível, onde os alunos são muito bons e orientados para as Grandes Écoles. Há escolas privadas que servem de recuperação para os alunos fracassados. E há ainda escolas privadas de nível médio.

Tenho dois colegas sociólogos que acabam de publicar um livro sobre o público e o privado na França e que mostraram como um grande número de alunos da escola particular passou alguns anos na escola pública e grande número de alunos da escola pública passou alguns anos na escola particular. Na França, o ensino só particular ou só público corresponde a 30%. Nossa pretensão é que a escola particular seja de grande nível mas também que a escola pública não abaixe o seu. Na escola particular vocês escolhem seus alunos. Aqui o Estado paga os professores e não podemos escolher os alunos.

Voltando ao ponto inicial, percebemos que o problema que se coloca é o da cultura. Vejo que a escola é fundamentalmente o lugar onde as obras primas da cultura possam ser apresentadas aos alunos e seja o único lugar onde haja oportunidade de encontrar os grandes poetas, os grandes pensadores, os grandes sociólogos, porque no resto do tempo há a TV, onde se distrai com os amigos, e aí as obras primas são raras. A escola é o lugar onde se apresentam as obras primas e onde se preparam as condições para que os alunos as compreendam. A TV raramente exhibe uma peça de Racine e nem prepara as pessoas para apreciá-lo.

### **O que diria sobre a construção do saber na escola?**

- ☞ O progresso feito nestes últimos anos faz-nos perguntar muito sobre as idéias que tinham os alunos; agora é preciso partir das idéias dos próprios alunos. É preciso compreender por que a criança pensa que é o sol que gira em torno da terra, por exemplo. Todos nós começamos pensando que é assim mas, sem dúvida, o contrário é o verdadeiro. É preciso partir das idéias dos alunos, em qualquer domínio, e compreender bem o que eles pensam e o que eles julgam a respeito de determinado assunto. Não basta dizer o que nós sabemos sobre isso. É preciso compreender porque suas idéias resistem ao que nós dizemos. O problema do conhecimento é o problema da resistência entre o que os alunos pensam e o que lhes ensinamos.

Aprendeu-se que a água transforma-se em vapor e em gás. Quando a água se transforma em vapor há um momento em que a água desaparece da panela. A primeira coisa

importante para que os alunos participem da construção do conhecimento é trabalhar o problema do desaparecimento. Trata-se então de ver como se pode explicar este problema e o que há nele de extraordinário? Há também o exemplo da rotação da terra, pois todo mundo diz que a terra gira em torno de si mesma. No entanto, isto contraria toda nossa experiência, porque a terra é sólida. Para progredir no saber é preciso destacar, como primeira condição, o caráter extraordinário desta afirmação: "a terra gira". Colocar como problema e não simplesmente ditar esta afirmação e tentar provar. É preciso partir do que os alunos sabem como, por exemplo, que a terra não gira. É preciso colocar-lhes o problema como extraordinário: normalmente, pensa-se que a terra gira, por quê, como e, pouco a pouco, fazer que suas idéias dêem lugar às idéias dos sábios. Em qualquer domínio é preciso encontrar as características, a didática para melhor estudar as idéias dos alunos.

### **Como o senhor vê a relação professor-aluno?**

- ☞ É um dos pontos mais discutidos, sem dúvida! Fui professor numa classe pré-vestibular que reunia alunos provenientes de vários horizontes. Havia um que vinha de uma escola católica e que me disse preferir muito a escola católica ao liceu porque naquela ele havia tido como professores padres que viviam na escola, que podiam ser contatados quando os alunos quisessem, estavam sempre disponíveis. Naturalmente isso não existe num liceu leigo. As relações aluno-docente vêm junto com a minha idéia de alegria. O professor está para pedir o esforço do aluno mas a relação pode ser feliz quando, no fim dos seus esforços, o aluno percebe que há uma alegria, há algo que o interessa. Isso não pode acontecer todo o tempo mas, de vez em quando, pode ocorrer. Por exemplo, quando os alunos não compreendem um poema difícil, não se interessam, não querem estudá-lo. O professor obriga-os a se empenharem no estudo. Imagino que, após algumas semanas, para não dizer antes, os alunos dizem que este poema é lindo e então experimenta-se a alegria. O professor, uma vez mais, intervém sempre quando há um esforço difícil a ser feito e é preciso exigí-lo. Não creio que se aprenda brincando, divertindo-se. É sempre difícil. É difícil ir cada manhã à aula, todos os dias à escola, estudar matemática a tal hora... A pergunta que se coloca é sobre a possibilidade do aluno perceber a relação entre o esforço feito e a alegria que experimenta no trabalho feito. Por exemplo, a "mobylette", todo mundo a adora mas para fazê-la, para montá-la não faz falta o professor. Contudo, para compreender como e por quê o motor funciona, aí sim necessita-se de um professor. Se o professor não os estimula a este esforço, pode haver a alegria que compense a dificuldade?

### **A alegria seria a da descoberta e a da construção do saber?**

- ☞ A escola é um lugar mais teórico, não técnico. É onde fabrica-se um pouco mas sobretudo, é onde se compreende.

### Mas não há o perigo de uma educação meramente transmissiva?

- ☞ Sim. Mas é importante considerar que a escola tem seu lado de transmissão daquilo que o adulto sabe aos mais jovens. E para que isto ocorra é preciso que o aluno se engaje no trabalho, senão não há transmissão. Caso contrário ele conserva suas idéias. Mas esta transmissão tem uma estrutura difícil porque o aluno deve modificar as idéias que tinha e sentir-se integrado. O problema não é de dar as idéias, mas sim de que o aluno possa modificar, retificar suas idéias. Para que ele renuncie a suas idéias é preciso que se engaje no caminho que se lhe abre.

### NOTAS

- (1) Obras de Pierre Faure: **L'École et la Cité** (Paris, Spes, 1945); **Le statu de l'école. Pour la paix scolaire** (idem); **Psychologie et grammaire** (idem); **Au siècle de l'enfant** (Paris, Mame, 1958); **Lire** (Paris, Éditions de l'École, 1965); **Carnets de lecture** (idem); **Poésies, à l'écoute du monde** (idem, 1969); **La mathématique** (idem, 1970); **Idéas y métodos en la educación** (Madrid, Narcea, 1972); **L'enseignement du français par l'observation des textes** (Paris, Hatier, 1977); **L'Enseignement personnalisé et communautaire** (Paris, Casterman, 1979).
- (2) Daniel Hameline: Professor de filosofia da educação na Université de Genève. Linha de pesquisa: a pedagogia por objetivos. Obras principais: **Maîtres et élèves** (Paris, Hachette, 1973); **Le domestique afranchi** (Paris, Ed.Ouvrières, 1977); **La liberté d'apprendre** (idem); **Les objectifs pédagogiques en formation initiale et continue** (Paris, ESF, 1979); **L'éducation, ses images et son propos** (Paris, ESF, 1986).
- (3) Guy Avanzini: Professor de ciências da educação na Université de Lyon II, Secretário Geral da Sociedade Alfred Binet e Théodore Simon e redator chefe de "Cahiers Binet Simon". Linha de pesquisa: evolução das idéias pedagógicas e problemas educativos contemporâneos. Obras principais: **Alfred Binet et la pédagogie scientifique** (Paris, Vrin, 1969); **O insucesso escolar** (Lisboa, Ed.Portico); **O tempo da adolescência** (idem); **A pedagogia no séc.XX** (Lisboa, Ed.Moraes, 1975); **Immobilisme et novation dans l'éducation scolaire** (Toulouse, Privat, 1976); **Introduction aux sciences de l'éducation** (idem); **L'école d'hier à demain** (Toulouse, Eres, 1991).

- (4) Philippe Meirieu: Professor de ciências da educação na Université Lumière-Lyon II. Linha de pesquisa: reflexão sobre o papel do docente e a prática pedagógica. Obras principais: *Itinéraires des pédagogies de groupe* (Lyon, 1984); *Différencier la pédagogie: pourquoi? comment?* (Lyon, 1986); *Le choix d'éduquer. Éthique et pédagogie* (Paris, 1991); *L'école, mode d'emploi des "méthodes actives" à la pédagogie différenciée* (Paris, 1990); *Apprendre...oui, mais comment?* (Paris, ESF, 1993); *L'envers du tableau* (Paris, ESF, 1993).
- (5) Emmanuel Mounier (1905-1950): Pensador francês, mentor do personalismo cristão, movimento que se constituiu ao redor da revista *Esprit*, que ele fundou em 1932. Obras principais: ***Manifeste au service du personalisme*** (Aubier, 1936); ***Traité du caractère*** (Paris, 1946); ***Introduction aux existentialismes*** (idem); ***Qu'est-ce que le personalisme?*** (Paris, 1947); ***Le personalisme*** (Paris, 1949).
- (6) Jules Ferry: (1832-1893): Político, jornalista e advogado francês. Trabalhou na elaboração da lei que introduziu na França o ensino laico (1890). Obras principais: ***Discours et opinions*** (Paris, 1893); ***Comptes fantastiques d'Hausmann*** (Paris, 1868).

(Recebido para publicação em 19.05.95 e  
liberado em 23.06.95)

